

WALDMAN, Berta. *O teatro ídiche em São Paulo: memória*. Introdução de Jacó Guinsburg. São Paulo: Casa Guilherme de Almeida; Annablume, 2010. 86p.

O teatro ídiche em São Paulo: memórias de imigrantes

Márcia Nascimento*

Entre 1890 e 1920, a maioria dos operários de São Paulo, do Rio de Janeiro e de Santos era de imigrantes vindos de diversas partes do mundo. Considerada a cidade dos estrangeiros, São Paulo possuía 54,5% de habitantes que eram imigrantes oriundos, principalmente, da Itália, da Espanha e de Portugal. A partir de 1920, houve, no entanto, uma considerável diminuição desses estrangeiros na cidade. É, nesse período, que se constata um intenso fluxo migratório de judeus para a América do Sul, especialmente para a Argentina, Uruguai e Brasil.

O teatro ídiche em São Paulo, de Berta Waldman, traz uma série de entrevistas com judeus de língua ídiche, que imigraram para o Brasil, trazendo consigo costumes e tradições. O teatro ídiche fundado em São Paulo é um exemplo da tentativa desses imigrantes de preservarem sua cultura em solo brasileiro no início do século 20.

O livro é resultado de uma pesquisa realizada nos anos de 1980. Acompanhada por entrevistas realizadas por ela e por Maurício Szejnhaus. Motivada, ainda, pelas lembranças das encenações que vira em sua infância, a pesquisadora entrevista atores do teatro ídiche que, já idosos e sem atuar, revivem em suas memórias a experiência de representarem nos palcos de São Paulo, de Santos e de Campinas.

Waldman apresenta um panorama histórico das causas da imigração do povo judeu e uma cronologia iconográfica do teatro ídiche trazido pelos imigrantes e cujas imagens, em preto e branco, revelam cenas de algumas das apresentações teatrais, bem como um CD com as entrevistas realizadas.

A exposição dos testemunhos desses judeus, movidos pela paixão pelas artes cênicas e pela língua de seus ancestrais, permite efetuar o registro e, ao mesmo tempo, comprovar a rica história do teatro paulista, conseqüentemente, do teatro brasileiro. Esses artistas mantiveram vivas a identidade judaica e a língua ídiche. Esta, entretanto, acabaria, posteriormente, entrando em declínio com o fim das exposições das peças e pelo seu desuso fora dos tabladados.

Metodologicamente, o trabalho de Waldman é construído em duas etapas: na primeira, as gravações permitem o registro oral das memórias, individuais ou coletivas, dos atores ou de seus familiares mais próximos; na segunda, a transcrição desses relatos direciona o texto escrito.

A partir da contextualização das cidades que receberam os imigrantes judeus, a autora assinala a transformação e a trajetória das apresentações teatrais em ídiche desses artistas. Além disso, por

Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG. Belo Horizonte, v. 5, n. 9, out. 2011. ISSN: 1982-3053.

meio de um breve percurso, empreende a recomposição de parte da história do teatro que veiculou o ídiche, usado como linguagem diária, principalmente pelas mulheres. Mesmo sem uma estrutura linguística própria, o ídiche acabou por se espalhar por diferentes países e as influências vocabulares locais, por exemplo, o torna a forma de comunicação oral mais utilizada nas comunidades judaicas desse período.

De acordo com Waldman, não se pode esquecer que a experiência dos dramaturgos judeus surgiu há aproximadamente dois mil anos e perpassou ao longo da história. Porém, é no fim do século passado, com Abrão Goldfaden (1840-1906), que as representações se profissionalizaram, nascendo, então, o que viria a ser o teatro de língua ídiche. Goldfaden, além de autor, produtor e ator, foi também o responsável por divulgar companhias teatrais em vários países da Europa.

No Brasil, não foi diferente. A presença e a participação dos judeus na cultura brasileira estavam condicionados aos valores trazidos pelos imigrantes e às influências culturais absorvidas no país em que o imigrante passou a residir. Conforme relatos dos entrevistados, um pequeno grupo de imigrantes mantinha contato com o teatro polonês e com o teatro ídiche, ainda no país de origem.

Apesar de estabelecidos em território brasileiro e de inseridos na cultura local, os imigrantes judeus tiveram a preocupação de manter vivas as bases de suas raízes. Isso é observado, por exemplo, na formação e na manutenção de bibliotecas, nos debates literários, além da organização e da ativação de coros e teatros.

Ao relatarem a chegada ao Brasil, todos os entrevistados ressaltaram as dificuldades enfrentadas para se estabelecerem no país, especialmente em São Paulo que, entre 1920 e 1935, recebera grande parte desses atores imigrantes. Eles relembram que, após um intenso dia de trabalho, ainda encontravam tempo para os ensaios e para as apresentações das peças. Profissionais ou amadores, os artistas estavam sempre dispostos a encenarem. Um dos entrevistados, Bernardo Beiguelman, ao falar da história de seu pai, Rafael Beiguelman, já falecido, relata: “chegava tarde em casa, pois nós morávamos no bairro ídiche (Rua Júlio de Mesquita, Rua da Conceição e um pouquinho da Senador Feijó), onde eram os ensaios, e ele tinha que andar muito” (p. 39).

Seguem outros relatos de pessoas que vivenciaram, semelhantemente, a história do teatro ídiche paulista. Todas elas relembram as constantes adversidades encontradas para que uma única peça fosse apresentada ao público. O trabalho das costureiras, por exemplo, era intenso para que, em pouco tempo, mascates fossem transformados em galãs ou vilões. Os imprevistos e as pequenas calamidades eram constantes, mas nada disso foi motivo para que os artistas desistissem de atuar. As apresentações só cessaram depois que as pessoas pararam de assistir às peças e passaram a não dar mais tanta importância ao ídiche.

Assim, de acordo com Moishe Agater, o desaparecimento desse idioma está relacionado à falta de interesse dos jovens em aprender a língua de seus ancestrais. Outra entrevistada, Pola Rajnstajn, se

entristece ao presenciar o declínio da língua e, para ela, a literatura ídiche é uma imensa riqueza esquecida. Jacó Schick, participante do teatro ídiche de Campinas, fala do desaparecimento gradual desse idioma que, para o entrevistado, faz parte da própria identidade do povo judeu.

Waldman afirma que o propósito do trabalho foi registrar, por meios das vozes dos entrevistados, as histórias de vida, as mudanças e as saudades de seus países de origem, as participações simultâneas na cultura brasileira, na construção e na manutenção do teatro ídiche em São Paulo. Salienta, ainda, que o livro pode ser lido como um entrecruzamento de vozes que ensinam e auxiliam na compreensão dos múltiplos fios que compõem os acontecimentos ativados pelas lembranças, o que, para ela, é fundamental.

Como uma espécie de arquivo vivo, os imigrantes judeus e suas memórias, configuram-se como um abrigo para a história dos judeus que aportaram no Brasil no início da década de 1920. *O teatro ídiche em São Paulo* prolonga esse arquivo e concede às novas gerações o privilégio de conhecê-lo.

* **Márcia Nascimento** é graduanda em Letras, Pesquisadora do Núcleo de Estudos Judaicos da Universidade Federal de Minas Gerais e bolsista de Iniciação Científica do CNPq.